

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Teorias Psicológicas. Religiosidade.
Símbolos. O Divino. Saúde Mental.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-034-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON34

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **PSICOLOGIA DA RELIGIÃO.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 70 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - O QUE É A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO?	7
1.1. A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO.....	8
2 - TEORIAS CLÁSSICAS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO.....	15
2.1. PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL-COGNITIVISTA E RELIGIÃO	17
2.2. TEORIAS DA PSICOLOGIA PROFUNDA OU PSICODINÂMICA E RELIGIÃO.....	18
2.3. TEORIAS DA PSICOLOGIA HUMANISTA E RELIGIÃO	20
2.4. PSICOLOGIA NARRATIVA	22
2.5. A TEORIA DA ATRIBUIÇÃO.....	23
2.6. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	23
2.7. RELIGIÃO COMO APEGO	24
2.8. PSICOLOGIA CULTURAL DA RELIGIÃO.....	24
2.9. PSICOLOGIA EVOLUCIONÁRIA	25
2.10. PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DA PSICANÁLISE.....	25
3 - PSICOLOGIA, RELIGIÃO E CRISTIANISMO	27
3.1. PSICOLOGIA E RELIGIÃO – UMA BUSCA DA COMPREENSÃO DO DIVINO.....	28
4 - A SIMBOLOGIA RELIGIOSA.....	41
4.1. DIFERENCIANDO SIGNO, SINAL E SÍMBOLO	41
4.2. PORQUE ESTUDAR OS SÍMBOLOS RELIGIOSOS.....	42
4.3. A SIMBOLOGIA RELIGIOSA NO CONTEXTO PSICOLÓGICO.....	44
4.4. A SIMBOLOGIA RELIGIOSA NO CONTEXTO HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO	46
4.5. PORQUE A RELIGIÃO UTILIZA OS SÍMBOLOS?.....	49
4.6. SÍMBOLOS E CULTURA	51
5 - AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO RELIGIOSO	54
5.1. VIVÊNCIA DA REVELAÇÃO.....	54
6 - A VISÃO DA PSICOLOGIA SOBRE A CURA NA RELIGIÃO	62
6.1. OS ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA DOENÇA E DA CURA NA RELIGIÃO.....	64
6.2. A DISCUSSÃO PSICOLÓGICA DA CURA PELO ENFRENTAMENTO RELIGIOSO	65
7 - CONCLUSÃO.....	70

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - O QUE É A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO?

A Psicologia, como área da ciência vem se desenvolvendo na história desde 1875, quando Wilhelm Wundt (1832-1926) criou o primeiro Laboratório de Experimentos em Psicofisiologia, em Leipzig, na Alemanha. Esse marco histórico significou o desligamento das idéias psicológicas de idéias abstratas e espirituais que defendiam a existência de uma alma nos homens, a qual seria a sede da vida psíquica. A partir daí, a história da Psicologia é de fortalecimento de seu vínculo com os princípios e métodos científicos. A idéia de um homem autônomo, capaz de se responsabilizar pelo seu próprio desenvolvimento e pela sua vida, também vai se fortalecendo a partir desse momento.

Dentre os que investigaram a religiosidade de um ponto de vista psicológico também estão outros dos grandes nomes da Psicologia, como William James (1842-1910), Sigmund Freud (1856-1939), Carl Jung (1875-1961), Théodore Flournoy (1854-1920), Stanley Hall (1844-1924), James Leuba (1868-1946) e Edwin Starbuck (1866-1947). Todos esses autores contribuíram para que a religiosidade fosse elevada à condição de um importante objeto de estudo da Psicologia, não somente ao aplicarem o conhecimento psicológico disponível em sua época para explicar tais manifestações humanas, como também ao recorrerem a tais fenômenos para construir suas teorias e concepções acerca da mente e do comportamento humanos. Muitos outros depois deles também contribuíram de modo relevante para a continuidade desses estudos, a exemplo de autores como Abraham Maslow (1908-1970), Gordon Allport (1897-1967) e Viktor Frankl (1905-1997).

Hoje, a Psicologia ainda não consegue explicar muitas coisas sobre o homem, pois é uma área da Ciência relativamente nova (com pouco mais de cem anos). Além disso, sabe-se que a Ciência não esgotará o que há para se conhecer, pois a realidade está em permanente movimento e novas perguntas surgem a cada dia, o homem está em movimento e em transformação contínua, colocando também novas perguntas para a Psicologia.

A psicologia da religião é um tema bastante abrangente e complexo, pois trata de questões relacionadas ao que há de mais íntimo no ser humano, sua vida psíquica e sua fé ou religiosidade. São questões muitas vezes difíceis de serem comprovadas cientificamente, a não ser pela observação de seus efeitos revelados no comportamento das pessoas. A psicologia da religião se interessa pelo estudo das funções psíquicas que intervêm na vida psíquica religiosa, como o sentimento, o desejo, a vontade, o pensamento e a representação mental ou imagem, e também pelos modos unitários de funcionamento das vivências religiosas e a atitude diante do sagrado, tal como aparecem em múltiplas formas da atividade religiosa.

A psicologia da religião é uma ciência relativamente jovem. O seu tema central é a vivência religiosa, suas causas e seus efeitos. Trata-se de um estudo fenomenológico, levando em consideração as diversas manifestações de religiosidade. Utiliza-se de exemplos bíblicos para explicar diversas situações, pois existem profundas observações sobre a vida religiosa interior no Livro Sagrado; temas de psicologia religiosa podem ser dali extraído. Entretanto, apenas recentemente a investigação da vida interior religiosa tem sido feita de forma metódica, baseando-se na observação empírica.

1.1. A Psicologia da Religião

A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e, já que as práticas religiosas são comportamentos humanos, devem ser também tomadas como objeto da Psicologia. Assim, é mais apropriado dizer que a Psicologia da Religião não se interessa pela religião, na verdade, mas pela vivência da pessoa religiosa. “Comportamento religioso” pode ser entendido como “qualquer ato ou atitude, individual ou coletiva, pública ou privada, que tenha específica referência ao divino ou sobrenatural”. Aliás, como sucessora da Filosofia, à Psicologia supunha-se reservada a tarefa de conquistar campos cada vez mais complexos, culminando no campo a religião. No entanto, “como as formas religiosas são históricas, a psicologia só se aplicará com competência a uma modalidade religiosa se apreender seu sentido”, para o que precisa estar atenta à cultura e ao que têm a dizer outras disciplinas. De fato, “a psicologia tem buscado interagir com disciplinas biológicas, como a fisiologia e a psiconeuroimunologia, e com disciplinas sociais, como a antropologia”.

As Ciências das Religiões (ou Ciências da Religião, ou ainda Ciência da Religião) valorizam a interdisciplinaridade para compreender o fenômeno religioso. No entanto, pelo menos no Brasil, suas pesquisas são, em sua maior quantidade, direcionadas pelas Ciências Sociais da Religião, pela História das Religiões, pela Teologia... Ainda são pouco conhecidos os trabalhos dirigidos pela Psicologia da Religião, ainda que esta seja apontada em alguns manuais e introduções à área como um dos principais ramos das Ciências da Religião. Sendo a interdisciplinaridade considerada uma postura constituinte mesmo das Ciências das Religiões, a Psicologia da Religião não interessará exclusivamente a psicólogos.

Jacob Belzen chega a elogiar a situação da disciplina: “Nunca antes houve tantas publicações e tantos encontros e conferências sobre religião, tal o interesse dentro e fora da Academia sobre o que a Psicologia tem a dizer a respeito da religião e da espiritualidade”, sendo que, todavia, não vemos mesma situação entusiasta no cenário das Ciências das Religiões no Brasil. Observa Edênio Valle, sobre o cenário brasileiro, que “os alunos, os professores e os profissionais sentem, todos, a falta de textos de psicologia que

possam oferecer uma primeira visão global do assunto”, de modo que lamentam “a ausência de livros de referência ao cada vez mais complexo campo de estudos psicológicos sobre a religião”. Diferente de outros países, nas livrarias brasileiras “os livros de psicologia científica são raros, ou, para ser mais exato, inexistentes”, ao passo que os livros de “ajuda psico-religiosa” são abundantes.

A tradução de obras significativas é uma das tarefas que a Psicologia da Religião no Brasil ainda deve realizar. Observa também o mesmo Edênio Valle que, ainda que cresça “a cada ano o número de livros, teses e monografias científicas sobre a Psicologia da Religião [...] não se pode esquecer de que existe, ao mesmo tempo, uma copiosa bibliografia de má qualidade [...] [que pode] induzir em imprecisões e erros do que seja nossa disciplina”. No entanto, ele identifica razões de otimismo, sendo a principal delas os Seminários “Psicologia e Senso Religioso”, que ocorrem desde 1997, a cada dois anos, organizados pelo grupo de trabalho “Religião e Psicologia” da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia – ANPPEP.

Marco iniciador da Psicologia da Religião no Brasil é um artigo de Benkö, do ano de 1956, Um ensaio de exame psicológico de seminaristas, publicado na Revista de Psicologia Normal e Patológica, n. 2. Um levantamento dos primeiros cinquenta anos da disciplina no Brasil mostra que desde a primeira publicação teve sempre um número ascendente (com exceção da década de 70, e principalmente na década de 90 e no primeiro quinquênio dos anos 2000) de trabalhos da disciplina, com multiplicidade de temas, embora com predominância de temática conceitual, com “o emprego progressivamente mais disciplinado das teorias psicológicas” e “crescente rigor metodológico das pesquisas publicadas”. Os primeiros livros publicados no Brasil por autores brasileiros foram de Benkö, em 1981, e de Merval Rosa, em 1969. Em 1964, a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE) já havia publicado “Psicologia da Religião”, do estadunidense Paul E. Johnson. Os autores destes primeiros livros estavam todos eles ligados à confessionalidade cristã: Benkö era sacerdote católico e Merval Rosa, pastor batista.

O surgimento da Psicologia da Religião no Brasil teve influência europeia. Na década de 50, em São Paulo, o médico italiano Enzo Azzi, PUC-SP, confiou, na mesma universidade, um departamento de Psicologia da Religião ao psicólogo holandês Theodorus van Kolck, influenciada pela Universidade Católica de Lovaina e com menor influência da Universidade Católica de Milão. Também em São Paulo, e no mesmo período, a Associação de Psicologia Religiosa foi criada reunindo psicólogos, médicos, antropólogos e sacerdotes, também sob a direção de Theodorus van Kolck. Antonius Benkö, sacerdote húngaro, no Rio de Janeiro, em meados da década de 1950, realizou as primeiras pesquisas empíricas em Psicologia de Religião na PUC-RJ.

Apesar da confessionalidade desses primeiros passos, nada obsteu o desenvolvimento da disciplina como ciência autônoma. Nas universidades públicas, a Psicologia da Religião encontrou guarida na década de 80, primeiro na USP e depois na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade de Brasília (UnB). Sobre o caso da USP, observa Paiva, que primeiramente foi oferecida a disciplina Psicologia da Religião no âmbito da Pós-Graduação, no entanto, “intrigantemente, os alunos que se matriculavam nessas disciplinas provinham, na quase totalidade, de diversos cursos da Universidade, mas não do curso de Psicologia, para o qual as disciplinas da Pós-Graduação tinham sido criadas”, situação que foi se alterando quando passou a se oferecer “Psicologia da Religião” como cadeira eletiva na graduação.

Como podemos definir esta disciplina? Rodrigues e Gomes valem-se da seguinte definição: “A Psicologia da Religião é o estudo do comportamento religioso pela aplicação dos métodos e teorias dessa ciência a este fenômeno, quer pelo aspecto social, quer pelo aspecto individual”. E, assim como as demais disciplinas das Ciências das Religiões, não está interessada em provar a existência ou inexistência de Deus(es), mas na certeza de que, quer Deus(es) exista(m) ou não, é certo de que a religião existe, e as pessoas pautam suas vidas por ela e nela encontram sentido para suas vidas. Como afirmou Paiva, “nada de humano é alheio à Psicologia” e “como a religião continua sendo uma das dimensões mais coextensivas ao homem, constitui-se num objetivo legítimo da pesquisa em Psicologia”. Psicologia da Religião não significa que a Psicologia sirva a qualquer religião em particular, não é o mesmo que Psicologia Religiosa, mas se objetiva a entender e analisar a religião.

Existe, é verdade, a Psicologia Pastoral, que não é Psicologia da Religião, mas é a psicologia que serve ao pastor, isto é, “a psicologia que foi desenvolvida e seguida para facilitar os objetivos das igrejas cristãs” e nela “as pessoas estão geralmente muito familiarizadas e empregam bem a Psicologia da Religião”, mas “esta última é primordialmente neutra em relação a seu objeto e não adota posições de combate à religião; ela simplesmente analisa e compreende”. A Psicologia da Religião mostrará particular interesse na eficácia da religião em promover comportamentos saudáveis e restringir comportamentos nocivos; na influência da religião nos estilos de vida pessoal; na integração e apoio, favorecidos pelos atos religiosos sociais; na intensificação dos sentimentos de autoestima e de autoeficácia providos pela religião; no enfrentamento das situações estressantes num quadro de referência religioso e, possivelmente, nas alterações das conexões psiconeuroimunológicas ou neuroendócrinas que afetam os sistemas fisiológicos.

Rodrigues e Gomes (2013, p.333) apontam dois motivos para que esta disciplina ainda não desfrute de alta respeitabilidade no meio acadêmico:

1. A experiência religiosa é complexa e demasiadamente subjetiva, de forma que dificulta o acesso objetivo por parte do observador;
2. A pluralidade de referencial teórico da própria Psicologia dificulta estabelecer um referencial e um objeto limitado para a Psicologia da Religião. Isso se dá a despeito da Psicologia da Religião ser tão antiga quanto a própria Psicologia e ter entre seus “pais fundadores” alguns dos iniciadores da Psicologia.

A experiência religiosa é a “a apreensão do Infinito (Schleiermacher), do Divino (James), do Sagrado (Otto), de Deus, e não de um objeto intermediário”.

De forma sucinta, podemos assumir que “a experiência religiosa é a resposta do indivíduo, primariamente em termos cognitivos e emocionais, a qualquer coisa que ele considera divina e essa experiência é a base das práticas religiosas”. Para Merval Rosa (1979, p.16), “a dinâmica da experiência religiosa tem aspectos universais e pode ser estudada do ponto de vista psicológico, independentemente de qualquer ideia sectária”.

A partir do século 18, alguns filósofos e também teólogos se prestaram à reflexão sobre a natureza psicológica da vida religiosa; entre eles, podem-se citar Jonathan Edwards, Friedrich Schleiermacher, David Hume e Soren Kierkegaard. Podemos tomá-los como os antecedentes da Filosofia da Religião. Ainda hoje, a Psicologia “guarda ainda uma íntima conexão com a discussão conceitual filosófica que lhe é subjacente”, todavia, “alguns psicólogos extremamente ardorosos na defesa da separação entre psicologia e filosofia acabaram, eles próprios, escrevendo textos especulativos de natureza filosófica”. Rosa (1979) lembra que a Psicologia da Religião também é, de certa maneira, filha de homens como Buda, Sócrates, Platão, Jeremias, Agostinho, Pascal, que refletiram a vida interior.

De fato, “os primeiros psicólogos modernos não eram ‘psicólogos’, eram filósofos tentando resolver questões fundamentais sobre a natureza e os conteúdos da consciência humana” e a Psicologia se estabeleceu a partir dos estudos de Wilhelm Wundt, em 1879, como ciência independente. Wundt via o comportamento religioso carregado de conteúdo afetivo, mas desprovido de aspectos intelectuais. Pierre Janet, discípulo de Charcot, no fim do século 19 e início do 20, fez contribuições à Psicologia da Religião, associando alguns comportamentos religiosos a neuroses e psicopatologias. Outro psicólogo da escola francesa, contemporâneo de Janet, Th. Flournoy advogou que, para estudar a religiosidade, a Psicologia deve primeiramente excluir um “ser superior” e, em segundo lugar, fazer considerações biológicas – fisiologia, genética, análises comparativas e dinâmicas.

Foi com William James, em 1896, nos Estados Unidos, que a Psicologia da Religião surge como corpo teórico da Psicologia. James atribuía à natureza humana a capacidade de entrar em comunhão direta com o divino por um sentimento de peculiar solenidade e

intensidade, denominada experiência religiosa. Essa experiência é própria do início efervescente das religiões. Em *As Variedades da Experiência Religiosa*, afirma William James que a experiência afetiva antecede as crenças religiosas, que a experiência religiosa pode ser sadia ou patológica e advoga que a personalidade pessoal determina o tipo de fé que o sujeito desenvolve: personalidades combativas desenvolveriam uma fé mais sadia ao passo que personalidades reconfortantes teriam tendência a expressões patológicas da fé. G. Hall, contemporâneo de William James, é considerado propriamente o primeiro psicólogo da religião; seus estudos trataram da conversão religiosa na passagem da infância para a idade adulta. Também merece destaque G. Leuba, seu colaborador, que acreditava que a religião resulta da luta pela vida, portanto, representa uma necessidade biológica humana, e buscou encontrar bases biológicas na experiência mística e semelhanças entre as experiências psicológicas da religiosidade e do uso de drogas psicotrópicas.

Como vimos, foi a partir do século 19 que as relações entre Psicologia e religião passaram a ser debatidas com mais frequência. Tempo mesmo da separação da Psicologia da Filosofia. Foi posta em questão a possibilidade de se estabelecer uma Psicologia da Religião que fosse realmente científica. Lança mão Jacob Belzen (2013) de uma metáfora interessante para falar da constituição da Psicologia Científica da Religião. Numa aproximação que vê entre a música e a religião, imagina uma família de quatro irmãos, todas muito dedicadas à música, cujos nomes são: Ancilla, Crítica, Scientia e Parecerista.

A primeira filha, Ancilla, em português o mesmo que “serva”, representa a Psicologia a serviço do religioso, “ajudando a religião a alcançar de maneiras variadas os seus muitos espaços e metas”. Uma Psicologia que buscasse se adaptar às grandes religiões, de modo que os seus estilos de vida e as suas formas de evolução espiritual estivessem abertos a todos. Podemos ver Ancilla na Psicologia Pastoral, fecunda principalmente nos anos 1960, que presta ao líder religioso ajuda no seu trabalho como profissional da ajuda, também essa Psicologia Pastoral consegue ajudar pastores ou padres a melhorar suas próprias condições psicológicas.

A segunda filha destina-se a fazer a crítica à religião. Como uma filha rebelde adolescente, é sempre do contra, acreditando que a principal função da Psicologia da Religião é a crítica à religião, “numa tentativa de minar a fé” e “reconduzir a religiosidade a nada mais que processos psicológicos”. Nem todas críticas devem ser consideradas fruto exclusivo da má vontade de psicólogos que não distinguem o agnosticismo metodológico com o ateísmo ontológico. Às vezes, essas críticas “querem fazer uma distinção entre o que seria a religião pura e as suas sabidamente inúmeras adulterações”.

À terceira filha, Belzen dá o nome de Scientia. Boa parte das pesquisas da Psicologia da Religião são elaboradas por essa irmã. Essa é a filha que tem real interesse por

concertos. Psicólogos ligados a essa filha “enviam questionários, aplicam testes de medição e registram as reações que se dão em experiências de laboratório [...] procuram ser absolutamente neutros e objetivos em sua escuta e observação”. Assim, apesar de seu interesse por concertos, “não veem necessidade de ter uma experiência direta do comportamento e da práxis dos que estão estudando cientificamente”. Muitas vezes, essa abordagem relacionou doença mental e prática religiosa, demonstrando se “um dado comportamento religioso indica externamente um sintoma de perturbação psíquica ou se, ao contrário, ele comprova uma canalização e decréscimo dessa mesma perturbação”. Deve-se a essa irmã, Scientia, “boa parte do prestígio que a Psicologia da Religião foi lenta, mas constantemente, conquistando”.

A quarta filha segue o exemplo da terceira. Assiste-a em concertos, mas buscando tirar algo de específico de cada concerto. Não se interessa por uma definição abstrata do que seja a religião, “os psicólogos da religião que exercem sua profissão como Pareceristas sobre uma religião ou comportamento religioso não se sentem chamados a escrever sobre religião em geral, mas, sim, sobre um comportamento religioso concreto”. Isso não significa que o Parecerista não componha também sua música própria, mas não é sobre ela que elabora sua opinião, e sim sobre a música composta por seus colegas. Porém, está claro “que não quer dizer que a subjetividade de quem elabora o parecer não tenha influência sobre o parecer que ele elabora”.

Isto significa que a Psicologia da Religião é uma ciência hermenêutica da qual a subjetividade do pesquisador participa de forma que às vezes se possa captar o sujeito “a partir de dentro”. Por essa metáfora de Benzen, a Psicologia da Religião é apresentada como consciente das divergências e aproximações entre seus muitos ramos (sintonias e disfonias), mas em busca de sua própria ratio epistemológica, isto é, a elaboração de uma metodologia própria de estudar a religião.



**AULA
02**

2 - TEORIAS CLÁSSICAS DA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Pelo que dissemos até agora, pode-se justificar a possibilidade de se falar do plural – psicologias da religião – e ser bem entendido. (Talvez até falar de psicologias das religiões seria aceitável). Qual objeto da Psicologia da Religião? A pergunta parece óbvia: a religião, é a resposta. Mas o que é a religião? Conceituar a religião tem sido um desafio não exclusivo da Psicologia da Religião, mas de toda área das Ciências das Religiões, desafio para o qual a Filosofia e a Fenomenologia da Religião podem responder melhor. Provisoriamente, basta entender que “a religião é uma instituição social que discute a realidade que transcende a humana, repetindo-se dinamicamente em diferentes signos, símbolos, mitos e ritos nas diversas organizações humanas”.

As visões a respeito do tema sofreram mudanças ao longo do tempo, tanto em função de desenvolvimentos em suas teorias quanto em função de mudanças no momento histórico e na forma de as pessoas pensarem sobre religiosidade. No início das pesquisas, havia uma tendência por parte de alguns pensadores em colocar a Psicologia a serviço da religião (ou de algumas religiões em particular), confundindo as fronteiras entre essas formas de conhecimento. Nesse contexto, o conhecimento psicológico era aplicado para tornar as pessoas mais religiosas, para fortalecer sua fé ou para ajudar a religião em sua tarefa de educação religiosa (o que fica claro em algumas das ideias e trabalhos de Stanley Hall, por exemplo). Por outro lado, havia também uma tendência de relacionar a religiosidade à doença mental e ao desequilíbrio emocional. Os psiquiatras franceses Pierre Janet (1859-1947) e Jean-Martin Charcot (1825-1893) associavam as experiências místicas e religiosas a sintomas neuróticos. O neurologista austríaco Sigmund Freud, por sua vez, viu na religiosidade uma forma de ilusão infantil. Mais tarde, o psicólogo estadunidense Albert Ellis (1913-2007) afirmou que a religiosidade estaria ligada à irracionalidade e a perturbações emocionais, portanto pessoas menos religiosas seriam mais saudáveis do ponto de vista emocional. Mas psicólogos como William James e Théodore Flournoy enfatizavam que a religiosidade pode tanto levar à doença quanto à saúde, e estavam mais interessados em entender como as experiências religiosas podem nos ajudar a compreender as origens e o funcionamento da mente humana.

Ao longo do tempo, diversas hipóteses foram desenvolvidas para explicar o comportamento religioso e as experiências religiosas. Hoje, de modo geral, psicólogos(os) e psiquiatras já não enxergam a religiosidade como relacionada necessariamente à doença mental. Ao contrário, reconhecem seu potencial para a saúde e bem-estar das pessoas. Entende-se agora que a religiosidade constitui uma expressão humana complexa que

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia